Os forasteiros

OS FORASTEIROS

DEUSES E GUERREIROS

Volume 1

Michelle Paver

TRADUÇÃO DE ÉRICO ASSIS

intrínseca

Copyright © Michelle Paver, 2012
Publicado originalmente em inglês, na Grã-Bretanha, por Penguin Books Ltd.

TÍTULO ORIGINAL
Gods and Warriors: The Outsiders

PREPARAÇÃO
Natalia Klussmann

REVISÃO
Sabrina Primo
Marcela Lima

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

DIAGRAMAÇÃO
Filigrana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P365f

Paver, Michelle, 1960-
Os forasteiros / Michelle Paver ; tradução Érico Assis. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.
304 p. ; 23 cm. (Deuses e guerreiros ; 1)

Tradução de: The Outsiders
ISBN 978-85-8057-467-8

1. Ficção americana. I. Assis, Érico. II. Título. III. Série.

13-07476 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2014]

Todos os direitos reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

A haste da flecha era negra, com penas de corvo na extremidade, mas Hylas não conseguia ver a ponta, enterrada em seu braço.

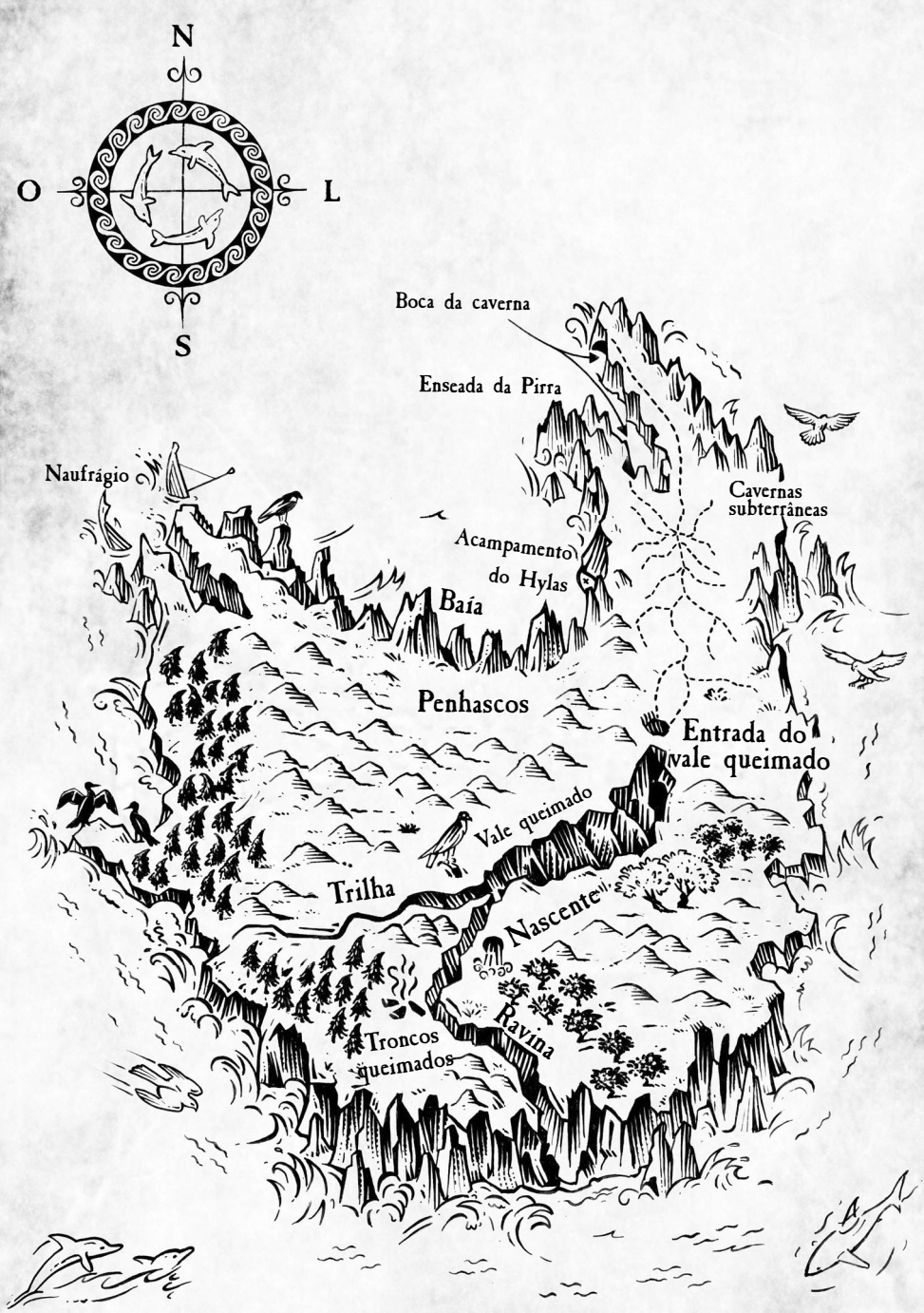
Agarrando a flecha para fazê-la parar de balançar, ele correu encosta abaixo com dificuldade. Não havia tempo para arrancá-la. Os guerreiros negros poderiam estar em qualquer lugar.

Hylas estava com uma sede terrível e tão cansado que mal conseguia raciocinar. O Sol escaldante e os arbustos espinhentos não ofereciam abrigo; sentia-se totalmente exposto. No entanto, a preocupação com Issi e a incredulidade pelo que havia acontecido com Xô eram ainda maiores.

[...]

Ainda não havia absorvido tudo. Na noite anterior, ele e Issi tinham montado acampamento em uma caverna logo abaixo do pico ocidental. Agora a irmã estava perdida, o cachorro, morto, e Hylas corria para salvar a própria vida[...].

O mundo de deuses e guerreiros



Ilha do Povo da Barbatana

I

A haste da flecha era negra, com penas de corvo na extremidade, mas Hylas não conseguia ver a ponta, enterrada em seu braço.

Agarrando a flecha para fazê-la parar de balançar, ele correu encosta abaixo com dificuldade. Não havia tempo para arrancá-la. Os guerreiros negros poderiam estar em qualquer lugar.

Hylas estava com uma sede terrível e tão cansado que mal conseguia raciocinar. O Sol escaldante e os arbustos espinhentos não ofereciam abrigo; sentia-se totalmente exposto. No entanto, a preocupação com Issi e a incredulidade pelo que havia acontecido com Xô eram ainda maiores.

Encontrou a trilha que descia a Montanha e parou, ofegante. Ouvia bem alto o cricrilar dos grilos. O grito de um falcão ecoou pelo desfiladeiro. Nenhum som de perseguição. Hylas teria conseguido se livrar deles?

Ainda não havia absorvido tudo. Na noite anterior, ele e Issi tinham montado acampamento em uma caverna logo abaixo do pico ocidental. Agora a irmã estava desaparecida, o cachorro, morto, e Hylas corria para salvar a própria vida: um menino magrelo sem

roupas e sem faca; tudo o que tinha era um amuletinho encardido pendurado em uma tira de couro no pescoço.

A dor no braço era brutal. Segurando a haste da flecha no lugar, ele cambaleou até a trilha. Pedrinhas rolaram em direção ao rio vertiginosamente distante, lá embaixo. O desfiladeiro era tão íngreme que os dedos do pé de Hylas ficavam no mesmo nível do cume dos pinheiros. Diante dele, as montanhas liconianas se estendiam até o horizonte, e atrás dele assomava a mais imponente de todas: o Monte Licas, com seus picos cobertos pela neve brilhante.

Pensou na aldeia logo abaixo do desfiladeiro, no amigo Telamon, na fortificação do Potentado que ficava do outro lado da Montanha. Teriam os guerreiros negros incendiado a aldeia e atacado Lapithos? Nesse caso, por que não via fumaça nem ouvia cornetas soarem o alarme? Por que o Potentado e seus homens não estavam lutando?

A dor no braço era lancinante. Não podia mais ignorá-la. Pegou um punhado de tomilho e depois arrancou uma folha cinzenta e peluda de verbasco para usar como curativo. A folha era tão espessa e macia quanto a orelha de um cachorro. Seu rosto se contorceu. Não pense em Xô.

Haviam estado juntos pouco antes do ataque. Xô encostara nele, o pelo grosso cheio de carrapichos. Hylas havia tirado alguns, depois empurrara o focinho de Xô para o lado e dissera para ele cuidar das cabras. Xô saíra tranquilo, balançando o rabo e olhando para trás como se dissesse "Eu sei o que fazer. Sou um cão pastor, é para isso que eu sirvo".

Não pense nele, disse Hylas a si mesmo com mais firmeza.

Cerrou os dentes e agarrou a haste da flecha. Prendeu a respiração. Puxou.

A dor foi tão intensa que ele quase desmaiou. Mordendo os lábios, Hylas balançou para a frente e para trás, lutando contra o fluxo

vermelho nauseante. Xô, onde você está? Por que não vem me dar umas lambidas para eu me sentir melhor?

Com o rosto contraído de dor, Hylas amassou o tomilho e o pressionou na ferida. Foi uma dificuldade fazer o curativo de verbasco usando apenas uma das mãos, mas ele conseguiu, amarrando-o com um punhado de grama retorcida que prendeu com a ajuda dos dentes.

A ponta da flecha ficou no chão, onde ele a havia deixado cair. Tinha o formato da folha de álamo, com uma traiçoeira ponta em cone. Nunca tinha visto uma igual. Nas montanhas, as pessoas faziam pontas de flecha com sílex — e, se fossem ricas, com bronze. Mas aquela era diferente. Era de obsidiana, negra e reluzente. Hylas só a reconheceu porque a sábia da aldeia tinha um fragmento. Dizia que era o sangue da Mãe vomitado das entranhas ardentes da terra e transformado em pedra. Vinha das ilhas distantes, do outro lado do Mar.

Quem eram os guerreiros negros? Por que estavam atrás dele? Não havia feito nada.

Teriam encontrado Issi?

Atrás de Hylas, pombos se lançaram ao céu em um farfalhar de asas.

Ele deu meia-volta.

Do ponto onde estava, a trilha descia íngreme e sumia em um contraforte. Por trás do contraforte, erguia-se uma nuvem de poeira vermelha. Hylas captou o ruído de muitos pés e o chacoalhar das flechas nas aljavas. Sentiu um frio no estômago.

Estavam de volta.

Hylas andou com dificuldade até a lateral da trilha, agarrou uma árvore bem pequena e se pendurou como um morcego.

Os passos pesados chegaram mais perto.

Com os dedos do pé, encontrou uma saliência. Ficou de lado para se esconder nela. O rosto ficou pressionado contra as raízes da árvo-

re. Olhou para baixo — e imediatamente se arrependeu. Tudo o que conseguia enxergar era a vista vertiginosa do topo das árvores.

Os guerreiros se aproximavam rapidamente. Ele ouviu o ranger do couro e sentiu o cheiro de suor — e um odor penetrante e amargo que lhe era horrivelmente familiar. Sentira o cheiro na noite anterior. Os guerreiros espalhavam cinzas pela pele.

A saliência mantinha Hylas escondido, mas, à sua esquerda, a trilha fazia uma curva e avançava sobre o desfiladeiro. Ele os ouviu passar a toda velocidade. Então fizeram a curva e, em meio à névoa de poeira vermelha, Hylas os viu: um pesadelo com armaduras de couro cru negras, um emaranhado de lanças, punhais e arcos. Os longos mantos negros esvoaçavam atrás deles como asas de corvo, e, sob os elmos, os rostos eram cinzentos por causa das cinzas.

Um homem gritou assustadoramente próximo.

Hylas prendeu a respiração. O guerreiro que gritara estava logo acima dele.

Mais à frente, na trilha, os outros deram meia-volta e recomeçaram a andar. Em sua direção.

Ouviu as pedrinhas sendo esmagadas quando um dos homens voltou caminhando. Não havia pressa em seu passo — Hylas suspeitou de que fosse o líder —, e sua armadura tinha um ranger estranho, mais duro.

— Veja — disse o primeiro homem. — Sangue.

Hylas ficou imóvel. *Sangue*. Você deixou sangue na trilha.

Aguardou.

O líder não respondeu.

Isso pareceu deixar o primeiro homem tenso.

— Deve ser do pastor — disse ele apressadamente. — Desculpe. Você o queria vivo.

Ainda nenhuma resposta.

O suor escorria pelo corpo de Hylas. Em um sobressalto, ele lembrou da ponta da flecha que deixara caída na terra. Rezou para que não a avistassem.

Esticando o pescoço, viu a mão de um homem agarrar um seixo à beira do penhasco.

A mão era forte, mas não parecia viva. A pele estava lambuzada de cinzas, as unhas, sujas. A proteção que cobria o antebraço era do tom vermelho-escuro de um furioso pôr do Sol; e tão forte que fazia os olhos doerem. Hylas sabia o que era, embora nunca tivesse visto de perto. Era bronze.

A poeira incomodava seus olhos. Mal ousava piscar. Os dois homens estavam tão próximos que ele podia ouvir a respiração deles.

— Livre-se disso — ordenou o líder.

A voz soava inexpressiva. Fazia Hylas pensar em lugares frios, onde não havia Sol.

Algo pesado foi lançado no penhasco e por pouco não o atingiu. A coisa bateu em uma árvore espinhenta a um braço de distância e ficou balançando até parar. Hylas viu o que era e quase vomitou.

Já fora um menino, mas agora era uma massa horrível, feita de sangue negro e entranhas azuladas e expostas como vermes embolados. Hylas o conhecia. Skiros. Não era seu amigo, mas era pastor como ele: alguns anos mais velho e implacável em uma briga.

O cadáver estava próximo demais; quase podia tocá-lo. Sentia o fantasma furioso tentando se libertar. Se o encontrasse, se descesse por sua garganta...

— Esse foi o último — disse o primeiro homem.

— E a menina? — perguntou o líder.

Hylas sentiu um nó no estômago.

— Ela não importa, não é? — disse o outro homem. — Não passa de uma...

— E o outro menino, o que fugiu?

— Eu acertei a flecha. Não vai muito longe...

— Então este não foi o último — disse o líder, com frieza. — Não enquanto o outro estiver vivo.

— Não — respondeu o primeiro homem. Parecia amedrontado.

Mais pedrinhas foram esmagadas quando os guerreiros se moveram de novo. Hylas torcia desesperadamente para que eles seguissem adiante.

Na curva da trilha, o líder parou, pôs o pé em uma pedra e se inclinou para dar mais uma olhada.

O que Hylas viu não lembrava um homem, mas sim um monstro feito de trevas e metal. Grevas de bronze cobriam as musculosas canelas, e uma carapaça também de bronze ficava por cima do kilt de couro cru, negro e curto. O peitoral era de bronze fundido, coroado por ombreiras de largura assustadora. O rosto não estava visível: havia apenas uma fenda para os olhos na proteção alta que se estendia desde a garganta e ocultava o nariz e a boca, e um elmo pintado de preto, feito de escamas cortadas das presas de javalis, com protetores para as bochechas, tudo de bronze, e uma crista de crina de cavalo negra. Apenas o cabelo revelava que era humano. Passava dos ombros, trançado nos cachos serpenteantes de um guerreiro, cada um deles grosso o suficiente para deter uma faca.

Hylas sabia que o líder poderia sentir seu olhar fixo nele, mas não conseguia deixar de encará-lo. Precisava continuar fitando a fenda naquele elmo, sabendo que os olhos que não podia ver estavam esquadrinhando as encostas em sua procura.

Por um instante, virou a cabeça para sondar o espaço acima do rio.

Faça alguma coisa, disse Hylas a si mesmo. Distraia-o. Se ele olhar de volta e vir você...

Apoiando-se na beirada, Hylas silenciosamente soltou a pequena árvore e, com uma das mãos, esticou-se para alcançar a árvore de espinhos à qual o corpo de Skiros estava preso. Deu um puxão. O cadáver tremeu, como se não gostasse de ser tocado.

A cabeça blindada começava a se voltar naquela direção.

Esticando-se ao máximo, Hylas deu mais um puxão. Skiros caiu, rolando e ricocheteando desfiladeiro abaixo.

— Vejam! Está fugindo! — debochou um dos guerreiros, rindo.

Veio uma onda de risadas dos outros; do líder, nada. A cabeça de elmo assistiu ao corpo do menino bater no fundo do penhasco — e depois se afastou.

Piscando para tirar o suor dos olhos, Hylas ouviu os passos dos guerreiros sumirem enquanto subiam a trilha.

A pequena árvore estava começando a ceder com o peso dele. Esticou-se para agarrar uma raiz da árvore.

Não conseguiu.

2

Hylas meio deslizou, meio caiu até o rio. Várias pedrinhas choveram em sua cabeça — mas nenhuma flecha.

Aterrissou de cara em um arbusto do desfiladeiro, mas se obrigou a ficar imóvel, sabendo que a primeira coisa que um caçador percebe é movimento. Estava machucado e arranhado, mas achava que não havia quebrado nenhum osso; e ainda tinha seu amuleto.

Moscas zumbiam em seus ouvidos e o Sol abrasava suas costas. Enfim ergueu a cabeça e examinou o desfiladeiro. Os guerreiros negros tinham ido embora.

Skiros, contudo, havia ficado um pouco mais acima, na encosta. Pelo menos a maior parte do menino. As tripas estavam esparramadas pelas rochas como uma rede de pesca estendida para secar. Os abutres já voavam em círculos sobre ele, e sua cabeça estava torcida, como se estivesse tentando enxergar algo atrás.

Seu fantasma precisaria de ajuda para fazer a passagem, mas Hylas não podia se arriscar enterrando-o ou executando os ritos.

— Desculpe, Skiros — murmurou. — Questão de sobrevivência. Não se ajuda quem não pode ajudar você.

Salgueiros e castanheiros margeavam o rio; era um alívio estar protegido. Tropeçando no raso, Hylas se ajoelhou e bebeu água. Também jogou água no corpo, soltando um som sibilante ao sentir o frio em sua pele quente, coberta de arranhões. Teve um vislumbre de sua imagem tremeluzindo na água. Os olhos estreitos, a boca retesada; os cabelos compridos e soltos.

Matar a sede o acalmou, e pela primeira vez desde o ataque conseguia pensar. Precisava de comida, de roupas e de uma faca. Acima de tudo, precisava chegar à aldeia. Issi sabia que era o lugar mais seguro no momento e já devia estar lá àquela hora. *Já devia estar lá*, repetiu para si mesmo, convicto.

Os grasnados dos abutres soavam no desfiladeiro; Skiros havia sumido sob um amontoado de pescoços serpenteantes e asas poeirentas. Para impedir que o fantasma o seguisse, Hylas rapidamente pegou folhas de alho selvagem e as espalhou atrás de si. Os fantasmas se alimentam do cheiro de comida; quanto mais forte, melhor. Em seguida, saiu em disparada, acompanhando o rio pelo desfiladeiro.

Sentia que as árvores e as rochas o observavam. Será que o entregariam? Havia crescido naquelas montanhas. Conhecia as trilhas secretas e os hábitos das criaturas selvagens: o grito do gavião, o rugido distante daquele leão. Sabia das ravinas carbonizadas que devia evitar por causa das Furiosas. Mas agora tudo havia mudado.

Esse não foi o último, dissera o guerreiro. Ele sabia que Hylas ainda estava vivo. Mas o que estava querendo dizer com aquilo?

O menino ficou chocado quando percebeu que Skiros não era apenas pastor. Também era forasteiro.

Hylas era um forasteiro. Assim como Issi. Haviam nascido fora da aldeia; Neleos, o chefe, encontrara-os na Montanha quando eram pequenos e lhes dera serviço. No verão, os irmãos pastoreavam nos picos; no inverno, cuidavam deles no desfiladeiro.

Por que os guerreiros negros estavam atrás de forasteiros? Não fazia sentido. Ninguém se importava com forasteiros; eram a escória da escória.

O Sol seguia para o oeste, e as sombras rastejavam pelas laterais do desfiladeiro. A certa distância, um cachorro latia. Parecia nervoso. Hylas queria que parasse.

Chegou a uma pequena mesa de argila de três pernas, armada sob uma árvore, com oferendas para o deus da Montanha. A toalha era feita de pele de lebre e estava mofada; Hylas a pegou e a amarrou ao redor dos quadris. Um lagarto o observou com frieza, e ele resmungou uma desculpa para o caso de ser um espírito disfarçado.

Era bom não estar nu, mas Hylas se sentia tonto de fome. O verão ainda estava muito no início para haver figos, mas, ao correr, ele pegou alguns morangos já mordiscados por ratos. Avistou um arbusto de espinhos em que um picanço guardava seu alimento: a ave havia empalado três grilos e um pardal. Com um "desculpe" apressado para o picanço, Hylas engoliu tudo, cuspindo penas e pedaços do grilo.

Começou a passar por oliveiras e trechos de terrenos planos marcados nas encostas. A cevada já estava pronta para a colheita, mas não havia ninguém por perto. Todos deviam ter fugido para a aldeia — a não ser que os guerreiros negros a houvessem incendiado.

Para o alívio de Hylas, a aldeia estava intacta, embora estranhamente quieta. Como ovelhas assustadas, as cabanas feitas de tijolo de barro cozido se amontoavam atrás da paliçada de espinhos. Hylas sentiu cheiro de fumaça, mas não ouviu vozes. Do lado de fora, deveria encontrar jumentos e porcos fuçando em busca de restos de comida. Nada. E os portões dos espíritos estavam fechados.

Os habitantes estavam emplastrados de ocre vermelho, e o Ancestral espiou por entre os chifres do touro selvagem amarrados à viga. Havia assumido o corpo de um pega, mas com certeza era um Ancestral — embora não fosse um dos seus.

Hylas espalhou pelo caminho a cevada que havia roubado, mas o Ancestral ignorou a oferenda. Sabia que o menino não pertencia ao lugar. Os portões dos espíritos existiam para proteger a aldeia — e manter forasteiros do lado de fora.

Os portões rangeram até abrir um pouco, e rostos sujos espiaram. A vida toda Hylas conhecia os aldeões, mas agora o observavam como se ele fosse um estranho. Alguns seguravam tochas que crepitavam nos talos gigantes de erva-doce; todos seguravam machados, foices e lanças.

Em um frenesi de latidos, os cachorros dispararam e se lançaram violentamente em sua direção. O líder era um cão pastor chamado Dart, tão grande quanto um javali, treinado para rasgar a garganta de um homem mediante um comando. Parou eriçado diante de Hylas e fixou os olhos no menino, com a cabeça ameaçadoramente abaixada. Sabia que Hylas não tinha permissão para entrar na aldeia.

Ficou onde estava. Se recuasse um passo, Dart poderia atacar.

— Me deixem entrar! — gritou.

— O que você quer? — grunhiu Neleos, o chefe. — Você deveria estar na Montanha cuidando das minhas cabras!

— Me deixe entrar! Quero a minha irmã.

— Ela não está aqui. Por que achou que estaria?

Hylas não respondeu, surpreso.

— Mas... onde ela está?

— Morta, não me interessa.

— É mentira — disse Hylas.

Por dentro, porém, estava em pânico.

— *Você abandonou minhas cabras!* — rugiu Neleos. — Ela não ousaria voltar sem elas... nem você, a não ser que queira ficar com a pele vermelha!

— Ela vai chegar aqui a qualquer momento. Me deixem entrar! Estão me perseguindo!

Neleos estreitou os olhos e coçou a barba com a mão calejada. Tinha pernas tortas de camponês e ombros calejados de carregar o jugo, mas era mais esperto que uma doninha, sempre tramando para levar vantagem. Hylas sabia que ele estava dividido entre a necessidade de puni-lo por ter abandonado as cabras e o desejo de mantê-lo vivo para que trabalhasse mais.

— Eles mataram Skiros — contou Hylas. — Também vão me matar. Vocês têm que esquecer as regras e me deixar entrar!

— Mande-o embora, Neleos! — sugeriu a voz estridente de uma mulher. — Ele só traz problemas desde o dia em que você o encontrou!

— Solte os cachorros nele! — gritou outra. — Se o pegam aqui, todos nós corremos perigo!

— Ela tem razão, solte os cachorros! Deve ter feito alguma coisa, ou eles não estariam atrás dele.

— Mas *quem* são eles? — berrou Hylas. — Por que estão atrás de forasteiros?

— Não sei e não me interessa — esbravejou Neleos; Hylas, porém, via o temor em seus olhos. — Tudo o que sei é que eles vêm do leste e caçam forasteiros. Ora, *deixe-os*! Podem fazer o que bem entenderem, desde que nos deixem em paz!

Os aldeões soltaram gritos, concordando.

Hylas umedeceu os lábios.

— Mas e a lei de santuário? Se alguém está em perigo, vocês *precisam* deixar entrar!

Por um instante, Neleos hesitou. Depois sua expressão ficou mais dura.

— Ela não se aplica a forasteiros — cuspiu ele. — Agora saia daqui ou eu solto os cachorros em cima de você!

Estava escurecendo e não havia para onde ir.

Tudo bem, tudo *certo*, esbravejou Hylas para os aldeões em sua cabeça. Se vocês não vão me ajudar, eu mesmo me ajudo.

Contornando os pinheiros, ele foi até os fundos da aldeia. Estava deserto: todos estavam nos portões dos espíritos.

Se achavam que Hylas nunca entraria na aldeia, estavam errados. Quando se é um forasteiro, você rouba para sobreviver.

Deslizando por uma passagem entre os espinhos, ele se esgueirou até a cabana mais próxima, que pertencia a uma viúva velha e ardilosa chamada Tyro. O fogo havia sido coberto para que ficassem somente as brasas e, em meio à escuridão vermelha e esfumaçada, Hylas pisou em uma tigela de leite preparada para a cobra doméstica. Em um catre, no canto, um amontoado de trapos soltou um grunhido.

Hylas ficou imóvel. Silenciosamente, tirou de um gancho um pernil defumado.

Tyro se virou no catre e roncou.

Ele pegou uma túnica pendurada nas vigas, mas deixou as sandálias, já que sempre andava descalço no verão. Mais um grunhido de Tyro. Hylas fugiu, arrumando a tigela da cobra ao passar; cobras conversam entre si e, se você aborrece uma, aborrece todas.

A cabana seguinte pertencia a Neleos e estava vazia. Hylas pegou um odre, um pedaço de corda de couro cru para fazer um cinto e um saco de sisal, no qual enfiou um pedaço de chouriço, queijo de ovelha, um pão ázimo e um punhado de azeitonas. Também tomou um gole da jarra de vinho do idoso, depois jogou cinzas no que

restava, para se vingar de todas as surras que havia levado ao longo dos anos.Vozes se aproximavam; os portões dos espíritos rangeram ao se fecharem. Hylas escapuliu pelo mesmo caminho por que entrara — e percebeu tarde demais que havia se esquecido de roubar uma faca.

A Lua se erguera, e os grilos começavam sua cantoria quando ele chegou ao sombrio bosque de amendoeiras que ficava além da aldeia. Apressadamente, vestiu a túnica e amarrou a corda na cintura.

Algumas abelhas ainda zumbiam nas colmeias quando Hylas avistou uma mesa de oferendas na grama. Torcendo para que ela já estivesse lá tempo o bastante para quaisquer criaturas enviadas pelos deuses terem comido tudo o que queriam, ele engoliu dois bolinhos de mel e uma panqueca de grão-de-bico recheada com um delicioso creme de lentilhas, perca desidratada e farelo de queijo. Deixou restos para as abelhas e pediu que tomassem conta de Issi. Elas zumbiram em resposta; Hylas não entendeu se aquilo significava sim ou não.

Ocorreu-lhe que Issi poderia não ter passado por ali, pois teria comido a panqueca. Deveria esperar pela irmã naquele lugar ou tentar encontrar o caminho até Lapithos e torcer para que ela tenha ido para lá encontrar Telamon? Lapithos, porém, ficava em algum ponto do outro lado da Montanha; nem Hylas nem Issi jamais haviam estado lá. Tudo o que sabiam a respeito vinha das vagas descrições de Telamon.

Em algum lugar ao longe, o cachorro que ele ouvira antes ainda latia. Parecia desalentado, como se não acreditasse mais que alguém pudesse aparecer. Hylas queria que parasse. Ele o fazia se lembrar de Xô.

Não queria pensar em Xô. Havia uma barreira em sua mente, e por trás dela havia coisas ruins esperando ser lembradas.

Nas montanhas, a temperatura cai rapidamente quando o Sol baixa e, apesar da túnica áspera de lã, Hylas tremia. Estava exausto.

Decidiu que ia tomar distância da aldeia e encontrar algum lugar para dormir.

Não avançara muito quando percebeu que o cachorro havia parado de latir. Agora o animal proferia uivos longos e indignados.

Os uivos ficaram repentinamente mais altos quando Hylas fez uma curva.

O cachorro não era grande como Xô, mas era tão peludo quanto. O dono o havia amarrado a uma árvore em frente a seu abrigo de galhos de pinheiros e deixado uma tigela de água, que o cão já havia bebido. Era novo, assustado e ficou louco ao ver Hylas; empinou-se nas patas de trás, puxou a corda até esticá-la e agitou as patas da frente em um frenesi de boas-vindas.

Hylas sentiu como se uma mão tivesse se enfiado em seu peito e lhe apertado o coração. Uma imagem de Xô dançou diante de seus olhos: seu cão caído, morto, com uma flecha no flanco.

O cachorro latiu avidamente para ele e sacudiu o rabo.

— Calado! — disse Hylas.

O cão virou a cabeça e ganiu.

Rapidamente, Hylas desamarrou o odre e despejou água na tigela, depois lhe jogou um pedaço de chouriço. O cachorro engoliu a água e devorou a comida, então o derrubou no chão e lambeu sua bochecha. Hylas sentiu dentro de si uma dor imensa. Afundou o rosto no pelo do cachorro, inalando seu cheiro quente e canino. Com um grito, empurrou-o e rastejou para fora de seu alcance.

O cachorro balançou o rabo e latiu de modo suplicante.

— Não posso desamarrar você — disse Hylas. — Você iria me seguir e eu seria pego!

O cachorro o fitou, arrasado.

— Você vai ficar bem — disse Hylas. — Seja lá quem o tenha amarrado, preocupa-se o suficiente para lhe deixar água; logo vai voltar.

Estava certo, não estava? Não tinha como levar o cachorro consigo, não com os guerreiros negros em seu encalço. Cachorros não sabem se esconder. Você não pode dizer a um cachorro para não dedurá-lo.

E se o matassem, como fizeram com Xô?

Antes que pudesse mudar de ideia, Hylas pegou a tigela de água, desamarrou o cachorro e arrastou-o atrás de si. Quando não havia mais sinal da aldeia, amarrou-o a uma árvore, encheu a tigela de novo e conferiu se a corda ao redor do pescoço do cão não estava muito apertada.

— Você vai ficar bem — murmurou. — Alguém vai aparecer.

Deixou o animal sentado, ganindo baixinho enquanto o observava ir embora. Quando Hylas olhou para trás, o cão ficou de pé e soltou um *au-auuuu* esperançoso.

Hylas cerrou os dentes e correu noite adentro.

Nuvens escondiam a Lua, e ele acabou se perdendo. O odre e o saco de comida faziam-no curvar de tão pesados. Enfim encontrou uma cabana de pedra construída em uma encosta arborizada. Pelo silêncio, sabia que estava vazia havia muito.

Engatinhou para entrar pela porta baixa, esmagando cacos de cerâmica e respirando o odor de terra úmida. Era fria e cheirava como se algo tivesse se arrastado até lá para morrer — mas era um abrigo.

Encolheu-se no escuro, com as costas apoiadas na parede. Podia sentir o cheiro do cachorro em si mesmo. Pensou na última vez em que estivera com Xô. Afastara seu focinho — mas havia feito cafuné em suas orelhas ou coçado embaixo da pata dianteira do jeito que ele gostava?

Não conseguia acreditar que nunca mais veria Xô. Não teria um corpo grande, quente e peludo encostado no seu. Não haveria um focinho com bigodes fungando sob seu queixo para acordá-lo.

Pegou o odre e tomou um gole de água. Abriu o saco de comida e tateou em busca das azeitonas. Suas mãos começaram a tremer. Deixou as azeitonas caírem. Tateou o chão. Não conseguia encontrá-las.

As barreiras de sua mente vieram abaixo. Foi inundado por lembranças.

Ele e Issi haviam montado acampamento em uma caverna no pico ocidental. Ela tinha saído para procurar raízes de asfódelo, e ele havia curtido o esquilo e o deixara assando na fogueira.

— Vou até o riacho me refrescar — avisara a Issi. — Não deixe o esquilo queimar.

— E quando foi que eu fiz isso? — gritara ela de volta, indignada.

— Anteontem!

— Não deixei nada!

Ignorando-a, Hylas começou a descer a trilha.

— Não ficou *queimado*! — gritara Issi.

No riacho, ele deixara sua faca e seu estilingue em uma pedra, tirara a túnica pela cabeça e passara a relaxar na água. O grito de uma águia ecoara dos picos. Perguntara-se vagamente se aquilo seria um presságio.

De repente, Xô começara a latir furiosamente: *Venha rápido! Grande perigo! Venha rápido!*

Então Issi gritara.

Hylas não havia parado para enfiar a túnica. Pegando a faca, correra trilha acima. Urso? Lobo? Leão? Tinha que ser algo ruim para que ela gritasse daquele jeito.

Ao se aproximar do acampamento, ele ouvira vozes de homens, baixas e atentas, e sentira um cheiro amargo de cinzas. Escondendo-se atrás de uma moita de junípero, espiou por entre os galhos.

Vira quatro cabras caídas, abatidas; as demais haviam fugido. Vira guerreiros — *guerreiros* — vasculhando o acampamento. Vira

Xô. Em uma apavorante batida do coração, ele absorvera o pelo grosso cheio de carrapichos e as patas. A flecha se projetando do flanco de Xô.

Então avistara Issi escondida na caverna, o rostinho pálido com o susto. Precisava fazer alguma coisa, senão iam encontrá-la.

O estilingue havia ficado no riacho. Tinha apenas a faca de sílex — mas de que adiantava? Um menino de doze verões contra sete homens fortemente armados.

Pondo-se à vista, gritou:

— Ei, aqui!

Sete rostos manchados de cinzas viraram em sua direção.

Ziguezagueando por entre as árvores, conseguira atraí-los para longe da irmã. Não pôde se arriscar a chamá-la, mas ela era esperta; aproveitaria qualquer oportunidade e sairia daquela caverna.

Flechas zuniram. Uma o atingiu no braço. Hylas deu um grito e deixou a faca cair...

Encolhido na cabana, abraçou os joelhos e se balançou para a frente e para trás. Queria se enfurecer, queria gritar, queria berrar. *Por que* os guerreiros negros atacaram? O que ele, Issi ou Xô teriam feito a eles?

Seus olhos arderam. Sentiu um nó na garganta. Irritado, engoliu saliva com dificuldade. Chorar não traria Xô de volta. Nem o faria encontrar Issi.

— Não vou chorar — disse em voz alta. — *Não vou* deixar fazerem isso comigo.

Cerrando os dentes, ele esmurrou a parede e segurou as lágrimas.

O luar o acordou e, por um instante, Hylas não soube onde estava. Deitou-se de lado, tentando vencer o pânico. Então tudo voltou, mas foi pior.

Assim que chegar a alvorada, disse a si mesmo, você vai para Lapithos encontrar Telamon. Issi certamente estará com ele. Se não estiver, você a encontrará. Ela é forte e conhece as montanhas, consegue sobreviver até lá.

Afastou da mente a possibilidade de a irmã estar morta.

Quando seus olhos se acostumaram com o escuro, Hylas conseguiu distinguir algo que parecia um braseiro de barro próximo à porta, cheio de ossos chamuscados. Ao lado dele havia uma faca de sílex quebrada e uma série de flechas, todas partidas em duas.

Subitamente alerta, Hylas se sentou. Só havia uma razão para uma série de flechas quebradas.

O morto estava deitado de costas, encostado na parede oposta. O rosto estava coberto por um pano, mas Hylas sabia, olhando a túnica sem tingimento e os pés calejados, que se tratava de um camponês.

A família deve ter ficado dividida entre o horror dos guerreiros negros e a necessidade de aplacar o fantasma feroz do parente; mas não havia negligenciado os ritos. Deitara-o em uma esteira de junco com sua foice e lança, tendo destruído ambas as armas quebrando-as em dois pedaços para que o espírito pudesse usá-las. Pelo mesmo motivo, haviam estilhaçado sua xícara e sua tigela, e estrangulado seu cachorro — que jazia a seu lado, pronto para segui-lo na vida após a morte. E devia ser um dos camponeses mais ricos, pois no canto mais distante se encontrava, encolhido, um escravo morto. Assim como o cachorro, o escravo fora assassinado para poder cuidar de seu mestre.

Uma tumba, pensou Hylas. Você se abrigou em uma tumba.

Não acreditava que não notara os sinais. Era por isso que os aldeões haviam deixado as oferendas nas colmeias: para as abelhas participarem do banquete de funeral. Era por isso que a tumba havia ficado aberta: para deixar o espírito passar.

Hylas quebrara todas as regras. Não tinha ido pelo oeste com o punho à testa nem perguntado aos Ancestrais se poderia entrar.

Sem ousar respirar, Hylas pegou seus pertences.

Do canto, o escravo morto abriu os olhos e o encarou.